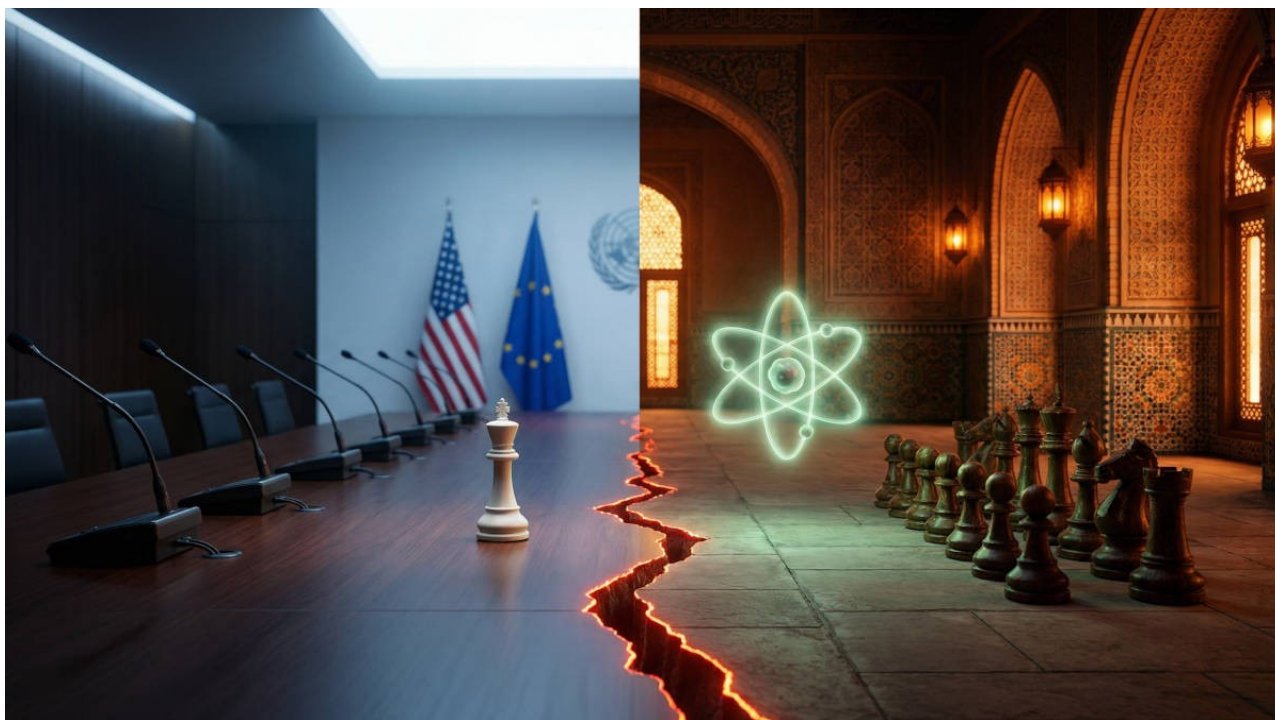


# SILÊNCIO ANTES DO LIMIAR: GENEBRA AVANÇA, MAS O ORIENTE MÉDIO ESTÁ EM UM PONTO DE INFLEXÃO ESTRATÉGICO

*No Oriente Médio em um ponto de inflexão, o silêncio de Genebra é uma faca de dois gumes: enquanto a diplomacia busca um acordo nuclear entre o Irã e os EUA, uma escalada, intencional ou não, ameaça transformar a volatilidade comprimida em uma crise irreversível.*

**Prof. Dr. Ghadir Golkarian\***



*Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.*

Diplomatas em Genebra falam de progresso. Falam de “dois passos à frente”, de um otimismo cauteloso, de entendimentos técnicos que emergem lentamente de meses de tensão. A segunda fase das negociações entre o Irã e os Estados Unidos, segundo declarações oficiais e avaliações internacionais ponderadas, mostra sinais de avanço. Rafael Grossi, diretor-geral da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), descreveu um impulso positivo. Autoridades iranianas invocaram “*realismo combinado com esperança*”.

No entanto, a diplomacia raramente se desenrola isoladamente do poder.

À medida em que as negociações prosseguem, os Estados Unidos reforçaram significativamente sua presença militar no Oriente Médio. Porta-aviões patrulham águas estratégicas. Esquadrões de caças foram reposicionados. Sistemas de defesa antimísseis operam em estado de prontidão elevado. De acordo com diversas avaliações, a escala do destacamento americano está entre as mais

substanciais desde 2003.

Essa simultaneidade não é acidental. Diplomacia e dissuasão agora estão fundidas em uma única estrutura estratégica.

A questão central não é se o diálogo está ocorrendo. É se este momento marca o limiar do acordo – ou a beira da escalada.

## DIPLOMACIA TRANSACIONAL EM UMA ERA DE PRESSÃO

O retorno do presidente Donald Trump à Casa Branca alterou o ritmo da diplomacia global. Trump não aborda a política externa como uma negociação multilateral paciente. Ele a vê como uma transação de alto risco – rápida, visível e orientada para resultados. Deliberação prolongada, compromissos incrementais e ambiguidade prolongada são inconsistentes com seu estilo político.

Nesse contexto, a sinalização militar não é separada da negociação; é um instrumento dentro dela.

A pressão, nessa perspectiva, não está aumentando por si só. É uma forma de alavancagem projetada para acelerar a tomada de decisões. O reforço visível das forças americanas na região, portanto, funciona como coerção calibrada – um lembrete de que alternativas à diplomacia permanecem viáveis.

No entanto, tal alavancagem acarreta riscos inerentes.

A teoria das relações internacionais descreve essa dinâmica como o “dilema da segurança”: preparativos defensivos por um ator são interpretados por outro como intenções ofensivas. Em uma região onde a confiança é frágil e as memórias de confrontos são recentes, a percepção pode importar tanto quanto a intenção. A escalada raramente começa com ambição declarada; Com frequência, surge de interpretações e reações errôneas.

A história oferece lições que nos fazem refletir: as guerras frequentemente nascem não de uma única decisão, mas de uma cadeia de erros de cálculo.

## DISSUAÇÃO MÚTUA ASSIMÉTRICA

Estrategicamente, o Irã e os Estados Unidos mantêm uma postura assimétrica de dissuasão mútua.

Os EUA mantêm uma superioridade convencional esmagadora – uma rede global de bases, grupos de ataque de porta-aviões, poder aéreo avançado e capacidades de ataque de precisão. O Irã, sem alcance convencional comparável, depende, em vez disso, de recursos assimétricos: alianças regionais, capacidades de mísseis, redes de aliados e a capacidade de ampliar o confronto para múltiplos teatros de operações.

Esse desequilíbrio, paradoxalmente, gerou estabilidade. Ambos os lados entendem que uma guerra em grande escala seria imprevisível e potencialmente incontrolável. As consequências econômicas, políticas e de segurança se estenderiam muito além do Golfo.

Mas a dissuasão só é sustentável quando os canais de comunicação permanecem confiáveis e os cálculos transparentes. Quando a ambiguidade se acumula, a dissuasão se torna frágil.

O ambiente atual testa essa fragilidade.

## QUATRO CAMINHOS ESTRATÉGICOS

A região agora enfrenta quatro trajetórias plausíveis.

**1. Acordo limitado e temporário:** O primeiro cenário envolve uma estrutura provisória e estruturada – não uma resolução abrangente, mas um mecanismo para gestão de crises. Teerã tomaria medidas técnicas verificáveis. Washington retribuiria com um alívio calibrado das sanções. Tal acordo reduziria as tensões imediatas, ao mesmo tempo que adiaria divergências estruturais mais profundas. Este caminho acarreta o menor custo imediato e oferece o maior potencial de estabilização.

**2. Pressão sustentada sem guerra:** O segundo cenário prevê negociações prolongadas sob sanções intensificadas, sinalização militar e pressão psicológica. O diálogo continua, mas sob tensão. A tensão permanece elevada, mas o confronto é evitado. A região permanece em suspensão estratégica. Este modelo poderia durar meses, talvez mais – mas a incerteza prolongada em si impõe custos econômicos e políticos.

**3. Ataque militar limitado:** Uma terceira possibilidade é um ataque preciso e contido, destinado a alterar o equilíbrio das negociações. Os proponentes podem presumir que tal ação pode ser calibrada. No entanto, a história demonstra que a retaliação raramente é previsível. Mesmo ataques limitados acarretam risco de escalada, particularmente em um teatro de operações saturado de recursos militares e atores por procuração. A contenção após o impacto não pode ser garantida.

**4. Escalada não intencional:** O cenário mais perigoso é o conflito inadvertido. Desdobramentos densos no Golfo Pérsico, estado de alerta elevado, confiança mínima e ciclos de informação rápidos criam condições em que um incidente menor pode sair do controle. Em tal ambiente, o silêncio não significa calma. Significa volatilidade comprimida.

## O NÚCLEO NUCLEAR: ENRIQUECIMENTO ZERO VERSUS DIREITOS CIVIS

No cerne da disputa reside uma divergência fundamental. Washington sustenta que o Irã não deve adquirir armas nucleares e deve reduzir o enriquecimento de urânio a zero. O presidente Trump enfatizou repetidamente essa linha vermelha.

Teerã insiste que não tem intenção de produzir armas nucleares, citando o decreto religioso do aiatolá Khamenei que proíbe armas de destruição em massa. Autoridades iranianas argumentam que a tecnologia nuclear serve a propósitos pacíficos: geração de eletricidade, agricultura e

radioisótopos medicinais, e que o enriquecimento permanece dentro dos parâmetros civis.

Durante a última rodada de Genebra, o Irã apresentou três propostas:

- Diluição do urânio enriquecido de 60% para 20%;
- Compromisso de três anos sob monitoramento e verificação da AIEA;
- Remoção das sanções dos EUA.

Se essas propostas se tornarem bases para um acordo ou pontos de discórdia, isso definirá a trajetória futura.

## OS EQUILBRADORES EXTERNOS: RÚSSIA E CHINA

A Rússia e a China continuam sendo partes integrantes da equação de poder mais ampla. Ambas agem com cautela, evitando envolvimento impulsivo. No entanto, ambas possuem fortes incentivos para evitar uma guerra regional que poderia perturbar os mercados de energia, os corredores comerciais e o equilíbrio sistêmico.

Seu engajamento pode contribuir para a estabilização, mas não pode substituir a tomada de decisão direta em Teerã e Washington. Em última análise, a escolha estratégica continua sendo bilateral.

## A VARIÁVEL DECISIVA: TEMPO!

O que torna o momento atual particularmente sensível é a dimensão temporal. Se as negociações não conseguirem alcançar uma estrutura definida e mensurável em curto prazo, a influência militar poderá ofuscar cada vez mais a diplomacia. Uma demora prolongada pode ser interpretada como falta de vontade política. Por outro lado, decisões precipitadas podem gerar passivos estratégicos de longo prazo.

Gerenciar simultaneamente velocidade e precisão é, portanto, essencial. Variáveis regionais complicam ainda mais a equação. Atores não estatais, teatros de operações por procuração e pontos críticos periféricos possuem potencial de escalada independente. Mesmo que as autoridades centrais busquem contenção, um incidente localizado pode sobrepor-se à intenção.

A gestão de crises deve, portanto, ir além das salas de negociação e abranger a governança regional em camadas.

## COESÃO INTERNA COMO CAPITAL ESTRATÉGICO

A unidade interna desempenha um papel decisivo na dissuasão. Atores externos avaliam não apenas a capacidade militar, mas também a coesão política. Mensagens fragmentadas ou divisões internas visíveis enfraquecem a postura estratégica. Sinalizações coordenadas aumentam o custo

percebido da escalada. Em momentos de pressão externa, a coesão não é meramente simbólica — é operacional.

## PONTO DE INFLEXÃO HISTÓRICO

A região encontra-se em um ponto de inflexão histórico crucial. A diplomacia apoiada por uma dissuasão crível pode produzir estabilidade administrada. A dissuasão sem horizonte diplomático corre o risco de impasse. A diplomacia sem influência corre o risco de irrelevância. A arte da diplomacia reside em calibrar ambos os lados, projetar força sem inviabilizar a negociação.

O silêncio de hoje pode preceder um acordo. Mas se as percepções equivocadas se acumularem e o tempo se transformar de um recurso em um multiplicador de pressão, esse mesmo silêncio poderá preceder uma ruptura. A distância entre “negociação sob pressão” e “crise irreversível” pode ser medida em um único passo mal calculado.

Em momentos como este, cada decisão transcende as manobras táticas. Cada escolha contribui não apenas para moldar a crise imediata, mas também para moldar a arquitetura estratégica do Oriente Médio nos próximos anos. O silêncio em Genebra, portanto, não é vazio. Ele carrega consequências.

---

***\*Prof. Dr. Ghadir Golkarian**, pesquisador e autor iraniano radicado na Turquia e no Chipre, nasceu em Tabriz, Irã, em 1964. É acadêmico especializado em Ciência Política, Literatura Oriental e Linguística. Atua como professor universitário em tempo integral de relações internacionais. Como analista político, escreveu artigos para sites da BBC, Euro News Persian, Cyprus News e Asr Azadi Online, entre outros. Suas áreas de especialização abrangem o programa nuclear do Irã, as relações Irã-Israel, literatura persa e turca e política do Oriente Médio.*

---